

A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

1. A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Para que seja possível uma maior compreensão sobre os contos de fadas é muito importante que se faça uma análise sobre a sua origem. No livro “Os sete contos de fadas” a autora Kupstas (1993) afirma que os contos de fadas são narrativas muito antigas e que, logo no começo, não se destinavam às crianças, eram mitos difundidos por inúmeros povos, como os Hindus, os persas, os gregos e os judeus. Essas primeiras histórias eram conhecidas como mitos e eram, na verdade, expressões narrativas de conflitos entre o homem e a natureza.

Segundo Coelho (2003), o mito perde-se nos princípios dos tempos e são narrativas que nos falam de deuses, duendes e heróis fabulosos ou de situações em que o sobrenatural domina. Na verdade, os mitos estão sempre ligados a fenômenos inaugurais como: a criação do mundo e do homem, a explicação mágica das forças da natureza etc.

Portanto, a autora mostra que desde os primórdios da humanidade, o homem deve ter nascido com certa consciência de que, para além dele e do mundo que o rodeava, deveriam existir forças misteriosas e invisíveis que tinham poder sobre todos os fenômenos.

Ainda de acordo com Coelho (2003), essa necessidade de contar histórias surgiu quando o homem primitivo sentiu a precisão de obter explicações racionais para o mundo. Sendo assim, ele começou a buscar no mito e nas narrativas fantásticas a compreensão de algumas coisas, por exemplo: eles pensavam que os relâmpagos eram armas dos deuses, as águas seriam controladas por sereias ou determinadas árvores ou plantas teriam surgido de algum ato mágico entre outros vários mitos criados pelo homem primitivo.

Assim, podemos perceber que os contos de fadas nada mais eram do que relatos de fatos da vida de pessoas simples, recheadas de conflitos, aventuras e muitas vezes não eram indicados a serem contados para as crianças. Esses relatos apenas serviam como entretenimento e só muitos anos mais tarde com a descoberta das

fadas, que eram idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, a qual era dotada com poderes sobrenaturais, assim as sociedades mais antigas sentiram a necessidade de utilizar essas histórias alienadas também à educação, já que as crianças gostavam muito desses contos e a fantasia inserida neles, estava ajudando a formar a personalidade dessas pequenas pessoas.

Os contos de fadas existem a milhares de anos e é importante para a formação e a aprendizagem das crianças. Escutar histórias contribui de forma significativa para o início da aprendizagem e para que o indivíduo seja um bom ouvinte e um bom leitor, mostrando um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. Assim, Coelho (2003), afirma que os contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos.

Ao longo da sua história, o homem vem sendo seduzido pelas narrativas que, de maneira simbólica ou realista, direta ou indiretamente, relatam a vida a ser vivida ou a própria condição humana, seja relacionada aos deuses, seja limitada aos próprios homens. Portanto é possível perceber que desde os primórdios os contos de fadas encantam e reencantam. Coelho dá uma importante contribuição no que se refere ao valor dos contos ao longo dos séculos:

Os contos de fadas fazem parte desses livros eternos que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são redescobertos e voltam a encantar leitores ou ouvintes de todas as idades. (COELHO, 2004, p. 21).

De acordo com Kupstas, os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos. Por volta do século II a.c até o século I da era cristã, o povo celta acrescentou, a tantas histórias bem antigas, a presença forte das fadas, que seriam mulheres iluminadas capazes de prever o futuro de outra pessoa, normalmente alguém especial a quem elas protegiam. Assim, a imaginação popular dotou-as de asas, varas de condão e diminuiu o seu tamanho, mas sempre as vendo como belas e bondosas.

Os contos de fadas constituíram durante toda a Idade Média e Moderna para a literatura popular das populações européias em geral. A partir do século XVII, essas narrativas foram sendo reunidas e recontadas por escritores, como Perault, La Fontaine e os irmãos Grimm, que lhes deram um estilo mais elegante e as traduziram da tradição popular para como as conhecemos hoje.

1.1 O SURGIMENTO DAS FADAS

A palavra fada vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, oráculo). As fadas fazem parte do folclore europeu ocidental (e dele emigraram para as Américas) e tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações limites, quando nenhuma solução natural seria possível.

Segundo Coelho (1991), as fadas também podem encarnar o mal e apresentarem-se como o avesso da imagem anterior, isto é, como bruxas. Vulgarmente, se diz que fada e bruxa são formas simbólicas da eterna dualidade da mulher ou da condição feminina.

De acordo com Coelho (2003) é impossível determinar com exatidão o ponto geográfico ou o momento temporal em que as fadas teriam nascido. Entretanto, o mais provável é que elas tenham surgido e se arraigado naquela fronteira ambígua entre o real e o imaginário, que vem, desde a origem dos tempos, atraindo os homens.

A autora afirma que têm sido grandes os esforços para descobrir o possível local de nascimento das fadas. Pacientes pesquisas de historiadores, arqueólogos, filósofos, etnólogos, cronistas ou compiladores, que através dos tempos se debruçaram sobre a literatura primitiva dos mundos oriental e ocidental, acabaram por tecer uma intrincada rede de dados históricos, míticos e lendários, que pacientemente percorridos e confrontados entre si, oferecem algumas pistas plausíveis para uma possível elucidação acerca da presença das fadas na vida dos homens.

No entanto, Coelho (1991) explica que entre os pesquisadores não há dúvidas que as fadas sejam de origem celta, porque desde a mais antiga menção a tais seres, tudo leva a essa certeza; Pomponius Mela (Geógrafo que viveu no século I) afirmou que na ilha do Sena, nove virgens dotadas de poder sobrenatural, meio ondinas (gênios da água) e meio profetisas, que com suas imprecações e seus cantos, imperavam sobre o vento e sobre o Atlântico, assumiam diversas encarnações, curavam enfermos e protegiam navegantes.

Sendo assim, facilmente se comprova que as primeiras referências às fadas, como personagens ou figuras reais, aparecem na literatura cortesã-cavaleiresca surgida na Idade Média, nos Laís da Bretanha e nas novelas de cavalaria do ciclo arturiano, ambos de origem céltico-bretã. Coelho menciona a origem das fadas:

Enfim, o que se divulgou, durante a Idade Média até a Renascença, como peculiar ao espírito celta, levou os estudiosos a determinarem, quase com exatidão, o povo no seio do qual nasceram às fadas: o povo celta. (COELHO, 1991, p, 33).

Através das fadas ocorreu um delírio amoroso, dando à mulher um poder que, entre os demais povos ela estava longe de ter. Em seu livro “O conto de fadas” Coelho (1991) cita Dora Van autora do livro **O Mundo Real das Fadas** que afirma que fadas são criaturas que pertencem aos quatro reinos elementares: ar, terra, fogo, e água.

As fadas do ar dividem-se em: sílfides ou fadas das nuvens, criaturas altamente desenvolvidas, que vivem nas nuvens e que evoluíram da terra, da água e da experiência do fogo, sendo por isso dotadas de elevada inteligência. Há também as fadas do vento e das tempestades, espíritos dotados de poderosa energia, que giram por cima das florestas e ao redor dos altos picos das montanhas.

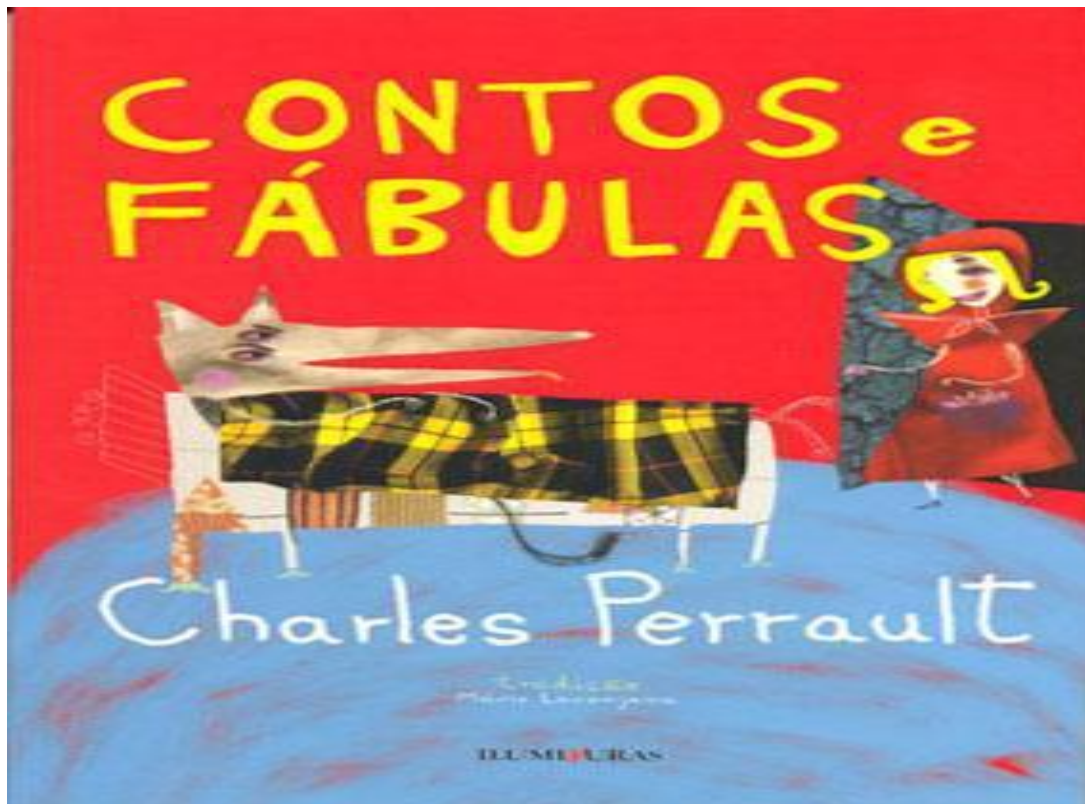
As fadas da terra dividem-se em espíritos da superfície e do subsolo: fadas dos jardins ou bosques (as de superfície) e gnomos ou fadas dos rochedos (as do subsolo ou reino mineral).

As fadas do fogo ou salamandras habitam a região do subsolo vulcânico e estão relacionadas com o relâmpago e as fogueiras acima do solo. Têm mais força do que as fadas dos jardins, pois ficam mais distantes da humanidade.

As fadas das águas ou ondinas habitam as profundezas das águas e uma de suas principais tarefas é retirar energia do sol para transmiti-la à água. Há ainda aquelas que vivem junto à praia e marés: são pequenas, alegres e mais conhecidas como bebês d'água.

1.2 GRANDES AUTORES DA LITERATURA

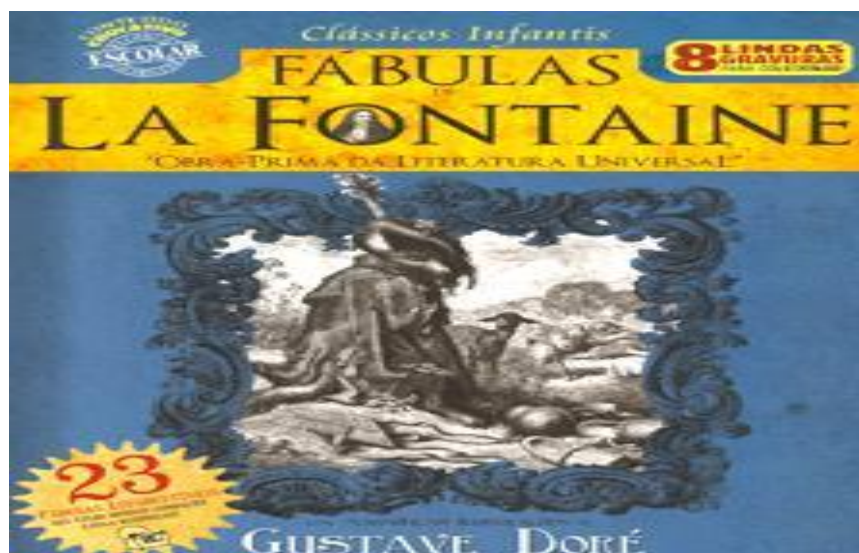
Coelho (2003), em seu livro **Os Contos de Fadas** mostra alguns autores como Charles Perrault, La Fontaine Jean de La Fontaine e os irmãos Grimm que contribuíram de forma bastante significativa para a recriação dos contos de fadas como literatura infantil



Perrault (1628-1703) foi um dos mais importantes escritores de histórias de contos de fadas e fábulas porque não só recolheu as narrativas e as reescreveu, mas também teve a preocupação de apresentá-las como literatura para crianças, por exemplo: os contos da mãe ganso, o pequeno polegar, a bela adormecida, o gato de botas e outros.

Coelho (1991), mostra que Perrault sentia-se atraído pelos relatos maravilhosos guardados pela memória do povo e se dispôs a redescobri-los. Com esse trabalho de exegese e obviamente ignorando o alcance que teria, Perrault cria o primeiro núcleo da literatura infantil ocidental: Histórias ou contos do tempo passado com suas moralidades.

Coelho explica que não se sabe a verdadeira intenção de Perrault, ao realizar esse trabalho de redescoberta e recriação dos contos, pois o próprio autor não as esclareceu. Sendo assim, para que se possa compreender o surgimento desses contos é muito importante nos situarmos no momento histórico em que vivia o autor, a França do século XVII estava passando por um esplêndido momento de progresso e transformações político-sociais, portanto tornou-se o cenário ideal para que Perrault escrevesse os contos, que foram escritos em forma de versos. São eles: A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A gata Borralheira; Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.



Jean de La Fontaine, de acordo com Coelho (1991), surgiu na mesma época de Perrault e era também intelectual e escritor e tinha grande prestígio na corte francesa, ele se dedicou ao resgate de antigas historietas moralistas, guardadas pela memória popular: as fábulas que são narrativas breves, tal como apólogo e a parábola, visam dar lição aos homens. Seus personagens são animais falantes que se comportam como humanos.

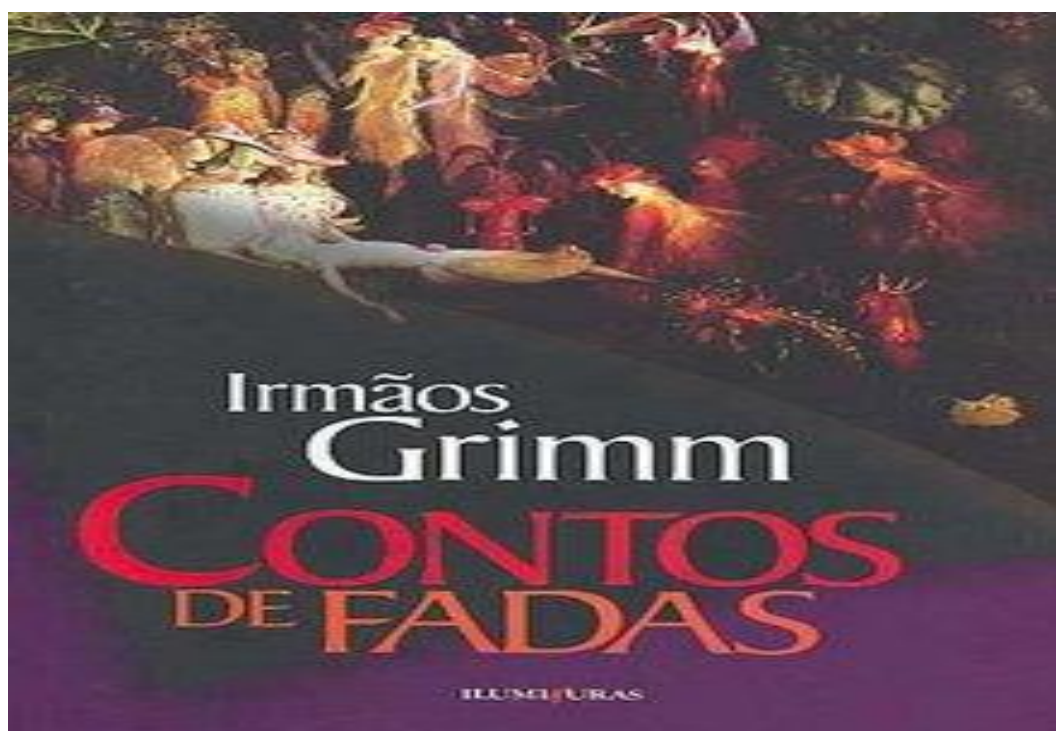
Nas fábulas, as situações narradas denunciam sempre erros de comportamento, que resultam na exploração do homem pelo homem que procurou muitas fontes documentais na antiguidade, na Grécia as Fábulas de Esopo, em Roma as Fábulas de Fedro, também consultou as parábolas bíblicas, coletâneas orientais e narrativas medievais ou renascentistas. Esse autor, durante vinte e cinco anos, trabalhou na busca e no cotejo desses textos antigos e os reelaborou em versos dando-lhes uma forma literária definitiva, conhecidas como as Fábulas de La Fontaine que, há séculos, vêm servindo de fonte para mil e uma adaptações que se espalham pelo mundo até hoje.

Muitos contemporâneos deram testemunhos sobre suas fábulas e afirmavam que eram textos cifrados que denunciavam as intrigas, os desequilíbrios e muitas vezes as injustiças que acontecia na vida da corte ou entre o povo. Algumas de suas

fábulas são: O lobo e o Cordeiro; O Leão e o Rato; A Cigarra e a Formiga; A Raposa e as Uvas etc.

Assim, é possível perceber que os contos de fadas são histórias muito atuais, porque todas elas são alimentadas de sabedoria prática que não envelhece, pois se fundamenta na natureza humana, nos sentimentos, medos, angústias, esperanças, alegrias e esses aspectos continuam os mesmos, independente do século.

Perrault contribuiu para o reconhecimento dos contos de fadas como literatura infantil, porém, somente após um século na Alemanha no século XVII, com as pesquisas realizadas pelos irmãos Grimm (Jacob, 1795-1863 e Wilhelm, 1786-1859), ela foi definitivamente construída e se desenvolveu pela Europa e pelas Américas.



Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, de acordo com Coelho, eram folcloristas alemães, filólogos, estudiosos da mitologia germânica e catalogaram dezenas de histórias orais, boa parte delas também utilizada como leitura para crianças. A Literatura infantil na Alemanha no século XVII teve um grande avanço com as

pesquisas realizadas pelos irmãos Grimm (Jacob, 1795-1863 e Wilhelm, 1786-1859), ela foi definitivamente construída e se desenvolveu pela Europa e pelas Américas.

Jacob e Wilhelm realizaram importantes pesquisas no campo da tradição popular, deixando um rico acervo de histórias, lendas, anedotas, superstições e fábulas da Germânia, preservado graças a sua iniciativa. Eles percorreram a Alemanha registrando as narrativas populares que recolhiam de pessoas humildes, muitas vezes analfabetas: comadres de aldeia, velhos camponeses, pastores, barqueiros, músicos, e cantores ambulantes. Tudo isso acontecia nos primeiros anos do século XIX, quando os velhos costumes pouco tinham mudado e as antigas tradições conservavam ainda toda sua força.

Os irmãos Grimm foram precursores da ciência folclore, reunindo tradições culturais populares, dos mais variados grupos. Eles empenharam-se na elaboração de uma obra patriótica, não apenas recuperando e immortalizando os relatos conhecidos por todos nós como contos de fadas, como também iniciando o Grande Dicionário Alemão, cujo primeiro volume saiu em 1854.

Seu trabalho ganhou proporções que romperam a esfera nacional de importante documento das tradições populares alemãs para espalhar-se pelo mundo, sendo traduzido e immortalizado entre crianças, jovens e adultos que contam e recontam as histórias por eles escolhidas.

CONTOS DE FADAS

HANS
CHRISTIAN
ANDERSEN



Hans Christian Andersen (1805-1875), no século XIX, prosseguiu essa tarefa e também escreveu suas próprias histórias como “A sereiazinha”. Coelho enfatiza que:

Os Contos de Andersen, resgatados do folclore nórdico ou inventados, mostram à sociedade as injustiças que estão na base da sociedade, mas, ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutralizá-las: a fé religiosa. Como bom cristão Andersen sugere a piedade e a resignação, para que o céu seja alcançado na eternidade (COELHO, 2003, p. 25)

E acrescenta:

Andersen passou à história como a primeira voz autenticamente romântica a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizavam (COELHO, 2003, p. 25).

Os irmãos Grimm e Andersen procuraram valorizar outros sentimentos que não fossem violentos, porque eles achavam que mais importante que a punição violenta era destacar, por exemplo, o bom caráter da princesa, ou a esperteza do fraco sendo

mais eficiente que a força bruta do vilão. Foi desse modo ameno e romantizado que os contos de fadas chegaram aos dias atuais. Numa viagem através dos textos (muitos dos quais nasceram no século antes de Cristo), é possível descobrir as sábias e místicas regiões da Índia ou do misterioso Egito, assim como a bíblica Palestina do velho testamento e a Grécia clássica, para descobrirmos as migrações narrativas realizadas na Pérsia.

Por exemplo, nos primeiros contos, a punição da bruxa era ser queimada na fogueira ou esfaqueada por cavalos bravos. Na Idade Média havia guerras constantes e brutais e por isso é até compreensível essa violência que eram contadas nos contos de fadas.

Já na Idade Média, é possível perceber que todo esse lastro pagão, funde-se ou deixa-se absorver pela nova visão de mundo gerada pelo espiritualismo cristão e, transformado, chega ao Renascimento. Com a passagem da era clássica para a romântica, grande parte dessa antiga literatura destinada aos adultos é incorporada pela tradição oral popular e transformada em literatura para crianças.

A literatura é, sem dúvida, uma das expressões mais significativas do desejo permanente do ser humano de saber e de domínio sobre a vida, que caracteriza o homem de todas as épocas. Ânsia que permanece latente nas narrativas populares legadas pelo passado remoto. Fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos jocosos, romances, contos maravilhosos, e os contos de fadas etc.

Portanto, todos esses autores contribuíram de uma forma muito significativa para que houvesse uma ressignificação dos contos de fadas, visto que muitas dessas histórias eram extremamente violentas

Todas essas formas de contar histórias pertencem às narrativas nascidas entre os povos da Antiguidade que, fundidas, confundidas, transformadas se espalham por toda parte e permanecem até hoje como uma rede, cobrindo todas as regiões do globo.

No seu livro **O conto de fadas** a professora Coelho traz uma definição muito importante sobre a história e seu principal objetivo:

Histórias são narrações de acontecimentos ou situações significativas para o conhecimento da evolução dos tempos, culturas, civilizações, nações etc. Não é mera exposição de fatos, mas resulta de uma indagação inteligente e crítica dos fenômenos que tem por fim o conhecimento da verdade. (COELHO, 1991, p. 85).

Diante desses aspectos, é possível perceber o imenso papel das histórias na formação dos indivíduos e nesse universo narrativo algumas formas de literatura se destacaram devido a grande divulgação, ao longo dos séculos. Entre elas estão os contos de fadas, que estão presentes em todos os lugares e tem várias denominações. Na França é conhecido como conte de fées; na Inglaterra, fairy tale; na Espanha, cuento de hadas; na Itália, racconto di fata; na Alemanha, marchen.

1.3 OS MITOS, AS FÁBULAS E OS CONTOS DE FADAS

Segundo Coelho (1991) existem muitas diferenças entre os mitos, as fabulas e os contos de fadas, por que apesar de encantarem crianças e adultos muitas vezes tem abordagens e finalidades diferentes, assim a autora no seu livro o contos de fadas trás alguns conceitos para orientar o leitor a perceber aspectos bastante relevantes na diferenciação do mitos, as fabulas e os contos de fadas.

O Mito seu significado vem (do grego mytbus- narração) e são narrativas primordiais que, sob forma alegórica, explicam de maneira intuitiva ,religiosa, poética ou mágica os fenômenos básicos da vida humana em face da natureza, da divindade ou do próprio homem. Cada povo da Antiguidade (ou os povos primitivos que ainda sobrevivem em nossos tempos (tem seus mitos intimamente ligados à religião ancestral, ao começo dos mundo e dos seres e também à alma do universo.

Quadro 01 – Mitos do Folclore Brasileiro

Mito	Breve Descrição
Boitatá	Representada por uma grande cobra de fogo que protege as matas, florestas e os

	animais. Possui a capacidade de perseguir e matar aqueles que desrespeitam a natureza. Acredita-se que este mito é de origem indígena e que seja um dos primeiros do folclore brasileiro. Foram encontrados relatos do boitatá em cartas do padre José de Anchieta, em 1560. Na região Nordeste do Brasil, o boitatá é conhecido como fogo que corre.
Boto cor-de-rosa	A lenda do boto-cor-de-rosa surgiu, provavelmente, na região amazônica. Esta figura folclórica é representada por um homem jovem, bonito e charmoso que seduz mulheres em bailes e festas. Após a conquista, conduz as jovens para a beira de um rio e as engravida. Antes da madrugada, ele mergulha nas águas do rio para transformar-se num lindo boto.
Curupira	Assim como o boitatá, o curupira também é um protetor das matas e dos animais silvestres. Representado por um anão de cabelos compridos e com os pés virados para trás. Persegue e mata todos que desrespeitam a natureza. Quando alguém desaparece nas matas, muitos habitantes do interior acreditam que é obra do curupira.
Lobisomen	Este mito aparece em várias regiões do mundo. Diz o mito que um homem foi atacado por um lobo numa noite de lua cheia e não morreu, porém desenvolveu a capacidade de transforma-se em lobo nas noites de lua cheia. Nestas noites, o lobisomen ataca todos aqueles que

	encontra pela frente. Somente um tiro de bala de prata em seu coração seria capaz de matá-lo.
Iara, a Mãe-D'água	Encontramos na mitologia universal um personagem muito parecido com Iara: a sereia. Este personagem tem o corpo metade de mulher e metade de peixe. Com seu canto atraente, consegue encantar os homens e levá-los para o fundo das águas, fazendo que morram afogados.
Mula sem-cabeça	Surgido na região interior, conta que uma mulher teve um romance com um padre. Como castigo, em todas as noites de quinta para sexta-feira é transformada num animal quadrúpede que galopa e salta sem parar, enquanto solta fogo pelas narinas.
Saci-Pererê	O saci é representado por um menino negro que tem apenas uma perna. Sempre com seu cachimbo e com um gorro vermelho que lhe dá poderes mágicos. Vive aprontando travessuras e se diverte muito com isso. Adora espantar cavalos, estragar comida e acordar pessoas com gargalhadas.

As fábulas: (palavra derivada do latim *fari*, falar, do grego *pbaó*, dizer”) Forma narrativa breve que, tal como apólogo e a parábola, visa dar uma lição aos homens. Suas personagens são animais falantes que se comportam como humanos. Nela, as situações narradas denunciam sempre erros de comportamento, que resultam na exploração do homem pelo homem. Desde os tempos arcaicos, a fábula foi dos gêneros narrativos mais difundidos em todas as sociedades. Historicamente, teve no grego Esopo (séc. VI a.c) seu primeiro criador/divulgador, seguido em Roma pelo grande fabulista Fedro (séc.I d.c.). Na era clássica (séc.VII), o grande fabulista foi La Fontaine que recriou as fábulas originais e criou outras.

Quadro 02 – Fábulas do Folclore Brasileiro

Fábulas	Breve Descrição
O galo e a pérola	Um galo andava catando em um monturo vermes ou migalhas que comesse. Deu com uma pérola, e exclamou: “Ah se te achara um lapidário! a mim porém de que vales? antes um grão de milho ou algum bichinho”. Disse foi-se buscando por diante seu parco alimento. MORALIDADE: A riqueza só tem valor para quem a sabe aproveitar.
O cão e a máscara.	Procurando um osso que roer, encontrou um cão uma máscara: era formosíssima, e de cores tão belas quão animadas; o cão farejou-a, e reconhecendo o que era, desviou-se com desdém. A cabeça é de certo bonita, disse; mas não tem miolos. MORALIDADE: Sobram neste mundo cabeças bonitas, porém desmioladas que só merecem desprezo.
A raposa e as uvas	Estava uma parreira carregada das uvas mais apetitosas e maduras; cada cacho fazia vir um favo de mel à boca. Apareceu uma raposa; como as não cobiçariam? Começou a fazer esforços e diligências por alcançá-las, mas qual! Estavam muito altas. Por fim vendo perdido o tempo e o trabalho: “Agora reconheço que estão verdes, disse o animal, não gosto da fruta assim.” E foi-se consolada. MORALIDADE: É costume de muitos desfazer naquilo que não podem possuir. A cobiça consola-se, deprimindo o que não pode alcançar.

O cordeiro e o lobo	Andava um cordeiro em um rebanho de cabras; um lobo o viu: “Coitadinho!” disse-lhe, “como hás de viver aborrecido com gente que não é da tua raça! Vem comigo; quero levar-te à tua mãe.” Não é necessário; fico-te muito obrigado, disse o cordeiro, estas cabras me querem muito, e me tratam com todo o amor que teriam a um filho; aqui, pois, me acho muito bem, e não quero mudar. Foi o que lhe valeu; pois o lobo só queria desviá-lo das cabras e dos seus guardadores para devorá-lo. MORALIDADE: Se estás bem, tapa os ouvidos às seduçções de quem te convidar para mudanças; há cilada no convite.
O lobo, a raposa e o macaco	O lobo acusou a raposa de lhe haver roubado um quarto de carneiro; foi juiz o macaco. A raposa defendeu-se, e no calor do debate, lobo e raposa lavaram-se reciprocamente as caras com todas as malfetorias que, em segredo haviam perpetrado. Ouviu-os atentamente e por fim: “Condeno-vos a ambos”, disse, “a ti, raposa, porque roubaste o que de ti reclama o lobo; a ti, lobo, porque ninguém te roubou o que da raposa exiges.” MORALIDADE: Em contendas entre perversos, tão iguais como a raposa e o lobo, raramente há quem tenha ou quem deixe de ter razão.
O lobo e o burro	Enfermara um burro; o lobo foi visitá-lo. Tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe todo o corpo, perguntando-lhe onde lhe doía: “Não sei”, respondeu o enfermo; “onde quer que pões a mão, logo ai me doi; estou certo que apenas te retires ficarei curado.” MORALIDADE: Basta a presença de charlatões que só têm em mira os bens do doente, para agravar-lhe a moléstia: quando se retira tem este meio caminho andado para

	a cura.
A cabrita e seu filho	Pastando descuidada, uma cabrita pisou em uma víbora; ergueu esta a cabeça, e mordeu-a na teta. Logo, porém, veio o filhinho mamar, e com o leite sorveu toda a peçonha, salvando assim a mãe à custa da sua própria vida. MORALIDADE: Tudo sacrificar, até a vida, pelas nossas mães, é dever que não carece ser ensinado.

Os contos de fadas no Brasil e Portugal surgiram, no final do século XIX, como contos de carochinha e tem uma característica bastante relevante que diz respeito aos seus argumentos pois eles desenvolvem-se dentro da magia feérica como: reis rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc. Os contos de fadas têm como eixo gerador uma problemática existencial, ou seja, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está ligada à união homem e mulher.

Quadro 03 – Contos de Fadas

Contos	Breve Descrição
Cinderela	Um homem rico morre e deixa sua filha Cinderela aos cuidados da madastra. Esta tem duas filhas que desprezam e humilham Cinderela, tratando-a como criada. A moça é bonita e sonhadora e imagina o dia em que seu príncipe encantado a ajudará. Um dia o rei convida todas as moças solteiras do reino para um baile, esperando convernecer o filho a encontrar uma noiva. A madastra leva as filhas ao baile, trancando Cinderela em casa. Sozinha a moça chora. Surge uma fada-madrinha, que lhe arruma belas roupas, criados e carruagem. E avisa que ela terá de voltar do baile meia-noite, hora em que o encanto se desfará. Cinderela dança a noite toda com o príncipe. Perto da meia-noite, foge, perdendo um sapato na escadaria. O príncipe percorre o reino, tentando localizar a dona do sapato. Encontra Cinderela e casam-se, para serem felizes para sempre.
Chapeuzinho Vermelho	A mãe de Chapeuzinho Vermelho pede que a menina leve mantimentos à casa da avó, mas que se afaste do caminho da floresta, que é perigoso. Chapeuzinho anda e é avistada pelo lobo. O lobo a convence a ir pela floresta, pega um atalho e chega antes à casa da avó. Tranca a velha no armário e se veste com as roupas dela. Chapeuzinho chega, confunde o lobo com a avó. O lobo tenta devorá-la, mas ela é salva pelo

	caçador.
A bela adormecida	Nasce a princesa. O reino está em festa. O rei manda convite para todos, inclusive às fadas. Por engano, uma das fadas não é convidada e promete vingança. Irrompe na festa e lança sua maldição, quando a princesa fizer quinze anos, espetará o dedo no fuso de uma roca (máquina de fiar) e morrerá. Porém a outra ainda não havia dado seu presente á princesa. Não pode cancelar a maldição, mas pode modificá-la. Se a princesa tocar no fuso, não morrerá, mas dormirá cem anos, junto com todos no castelo, a não ser que antes seja acordada pelo beijo de um príncipe. O tempo passa. A moça cresce, faz quinze anos. Todas as rocas do reino foram destruídas ou proibidas, mas a fada má disfarça-se de criada e espera a princesa, fiando. Curiosa, ela pede para tentar o trabalho. Fere o dedo e cai num sono profundo, com todos no castelo. Ao longo dos anos vários príncipes tentaram salvar a princesa. Por fim um príncipe corajoso enfrenta a maldição lançada pela fada má, luta contra ela e chega ao castelo, dá um beijo na princesa e merece sua mão como paga por gesto tão corajoso.
A bela e a fera	Um homem tem três filhas, sendo que Bela é a favorita. Oferece presentes a elas. Enquanto as mais velhas pedem jóias, Bela quer uma flor. Isso acaba detonando a

	desgraça, porque seu pai só encontra a flor nas propriedades da fera, homem deformado por uma maldição. A fera quer punir o roubo com a morte. O pai pede piedade, falando da beleza da filha. A fera concorda então em soltá-lo, desde que a moça fique como refém em seu castelo. O pai acaba aceitando. Bela é muito bem-tratada pela fera, mas sente saudades do pai. Quando sabe que este está doente, Bela pede que a fera a deixe visitar a família. A fera concorda, desde que ela volte logo, mas acredita que a moça não voltará e adoece. Bela volta, declarando seu amor pela fera. Quando diz isso, o encanto é desfeito: a fera é na verdade um belíssimo jovem.
--	---

Nesse Quadro 03, é possível perceber que a efabulação básica dos contos de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da princesa, que encarna o ideal a ser alcançado. Assim Coelho mostra a importância da efabulação, pois ele é o recurso pelo qual os fatos são encadeados na trama, na sequência narrativa. É o recurso básico na estruturação de qualquer narrativa, pois dele depende o desenvolvimento e o ritmo da ação. Assim em se tratando de literatura infantil, a estrutura mais adequada é a linear, ou melhor, a que segue a sequência normal dos fatos: princípio, meio e fim.

De acordo com Coelho (2000) a literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra, na verdade ela funde os sonhos com a vida prática, o imaginário é o real, os ideais e sua possível realização.

O conto de fadas parece mesmo imortal. De mito primitivo, passando pela leitura poética dos celtas, tornando-se violento na Idade Média e modelo exemplar no século XIX, constitui hoje a literatura que a criança recebe da mãe, na hora de dormir. É o enredo inspirador para inúmeros filmes e desenhos animados na tevê.

Os contos de fadas são importantes para a formação e a aprendizagem das crianças. Escutar histórias é uma forma significativa para o início da aprendizagem e para que o indivíduo seja um bom ouvinte e um bom leitor, mostrando um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

As crianças, à medida que se desenvolvem, devem aprender passo a passo a se entenderem melhor, e com isso tornam-se mais capazes de entender os outros, propiciando uma interação satisfatória e significativa. Para que esse desenvolvimento ocorra às histórias devem ser bem contadas de forma que despertem o interesse das crianças.

Por isso Bettelheim traz considerações muito importantes sobre alguns aspectos essenciais que devem ser priorizados e utilizados nas contações de histórias.

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 1978, p, 20).

No livro a psicanálise dos contos de fadas o autor Bruno Bettelheim aborda muitos aspectos relevantes para a compreensão do importante papel dos contos de fadas para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer

justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 2004, p. 20).

Diante dessas afirmações feitas por Bettelheim é plausível fazer um reflexão sobre a importância dos contos de fadas e as suas grandes contribuições nas várias etapas da vida das crianças, porque eles não são só apenas instrumentos de diversão, mas também contribuem para o desenvolvimento de suas habilidades em todos os momentos que forem utilizados.

2. OS CONTOS DE FADAS PARA A FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Diante de tantos aspectos referentes à contribuição da contação de historias vistos no capítulo anterior é possível identificar vários aspectos relevantes que são abordados através dos contos de fadas e é possível observar que tem muitas funções como proporcionar um momento lúdico, movido de imaginação, apresentar a importância da contação de histórias como uma manifestação cultural.

Coelho (2003), afirma que através dos contos de fadas é possível despertar nas crianças o prazer em ouvi-las, e isso é importante para a formação de qualquer criança, pois estimula a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a musica, o querer ouvir novamente, desenvolvendo dessa forma a oralidade nas crianças dessa faixa etária, considero ser este um importante e significativo veículo de comunicação entre elas.

Todos esses aspectos que contribuem para a formação do individuo são possíveis através da literatura e Coelho (2003), em seu livro o conto de fadas afirma que a literatura é sem duvida, uma das expressões mais significativas dessa ânsia permanente de saber e de domínio sobre a vida que caracteriza o homem de todas as épocas. Na verdade a autora também deixa claro em seu livro que literatura é arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivencia que se estabelecem.

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 163), “As vivências sociais, as histórias, os modos de vida, os lugares e o mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado”.

Através das histórias o contador pode despertar a imaginação dos ouvintes, transportando-os ao mundo da fantasia que está sendo criado ao seu redor. O fato de a criança gostar de ouvir histórias é muito importante porque ela constrói dentro de si muitas idéias através de descobertas, de outros lugares, outras épocas, outros modos de agir, além de ter a curiosidade respondida podendo esclarecer melhor suas próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas. É o começo para ser um leitor e para ser criativo nas suas produções orais, escritas etc. Percebe-se claramente que o trabalho com a Literatura Infantil pode ser muito rico e gratificante em todas as séries pois possibilita a interação do adulto com a criança e a interação entre as crianças no momento da contação de história.

Na verdade os contos de fadas, as fábulas, os mitos e outros, deixaram de ser vistos como fantasias, para serem pressentidos como portas que se abrem para verdades humanas ocultas.

É por meio dessa perspectiva que os contos de fadas, as lendas e os mitos etc. também deixaram de ser vistos como “entretenimento infantil” e vêm sendo redescobertos como autênticas fontes de conhecimento do homem e de seu lugar no mundo. (COELHO, 2004, p.17).

Bettelheim (1980), afirma que a vida intelectual de uma criança, através da história, dependeu de mitos, religiões, contos de fadas, alimentando a imaginação e estimulando a fantasia, como um importante agente socializador. A partir dos conteúdos dos mitos, lendas e fábulas, as crianças formam os conceitos de origens e desígnios do mundo e de seus padrões sociais.

Os contos de fadas, apesar de apresentarem fatos do cotidiano às vezes de forma bem realista, não se referem claramente ao mundo exterior, e seu conteúdo poucas vezes se assemelha com a vida de seus ouvintes. Sua natureza realista fala aos processos interiores do indivíduo (BETTELHEIM, 1980, p. 18)

Os contos de fadas falam de abandonos, de esquecimentos, de quem um dia foi significativo, marcante, falam também de crescimento, de buscas. De acordo com Fanny Abramovich, (1991) Perralt relata a tão bela e tão cheia de significados história da Bela Adormecida, a autora afirma que esse belo conto de fadas mexe com conteúdos emocionais, sexuais, sociais, que fala de apetites e de impedimentos vitais, que podem apenas ser retardados, adiados, mas que um dia são acordados e querem ser saciados.

Os contos de fadas não falam só de amor mais de muitas situações que vivemos na realidade e isso incentiva uma reflexão sobre os desafios que temos que enfrentar no dia a dia. Por isso é muito importante que as crianças saibam que os contos de fadas falam do lúdico, do mágico, mais também tratam de coisas reais.

Bettelheim (1980), afirma que através dos contos de fadas a criança se confronta com muitas características fundamentais no ser humano, isso ocorre porque nos contos de fadas existe um dilema existencial tratado de maneira breve e decisiva, permitindo à criança compreender sua essência. Os personagens dos contos são ambivalentes, como o ser humano são na vida real. Essa polarização que domina os contos de fadas, também domina a mente da criança. Independente da idade e sexo do herói da história, afirma o autor.

Outro aspecto bastante relevante no processo de desenvolvimento das habilidades da criança é a relação social que ela mantém fora da escola, principalmente em casa, onde os pais devem criar o hábito de contar história de fazer com que a criança se interesse linguagem oral e escrita, tornando esse momento prazeroso e não algo obrigatório. Sendo assim BETTELHEIM, traz algumas considerações sobre a importância dos pais no processo de aprendizagem.

É exatamente tão importante para o bem-estar da criança sentir que seus pais compartilham suas emoções, divertindo-se com o mesmo conto de fadas, quanto seu sentimento de que seus pensamentos interiores não são conhecidos por eles até que ela decida revelá-los. Se o pai indica que já os conhece, a criança fica impedida de fazer o presente mais precioso a seu pai, o de compartilhar com ele o que até então era secreto e privado para ela (BETTELHEIM, 1980, p. 26 - 27).

A presença dos pais nesse processo de desenvolvimento da aprendizagem se faz necessária para que a criança possa adquirir mais confiança e assim desenvolver de uma forma mais harmoniosa suas habilidades. São através de atitudes simples que os pais podem proporcionar momentos de lazer e de desenvolvimento, assim as crianças, aprendem desde cedo a se sobressair na escola e na vida.

2.1 A SIMBOLOGIA DOS CONTOS DE FADAS

Uma obra é considerada clássica e referência em qualquer época quando consegue despertar as principais emoções humanas, pois o que as crianças geralmente mais temem na infância é a separação dos pais e esse conflito existencial muitas vezes aparece logo no começo de algumas histórias consideradas referências na literatura.

A autora Ana Maria explica que ler clássicos desperta nas crianças o gosto pela viagem, pela imersão no desconhecido e pela exploração da diversidade. A satisfação de se deixar transportar para outro tempo e outro espaço, de viver uma vida com experiências diferentes do cotidiano, segundo a autora os personagens estão em outro contexto e são fictícias, o que permite um distanciamento e acabam ajudando as crianças a entenderem melhor o sentido de suas próprias experiências. (NOVA ESCOLA, 2008, p. 48)

Para Bettelheim (2004), a agressividade e o descontentamento com irmãos, mães e pais são vivenciados na fantasia dos contos: o medo da rejeição é trabalhando em João e Maria, a rivalidade entre irmãos em Cinderela e a separação entre as crianças e os pais em Rapunzel e O Patinho Feio.

As leituras dos contos de fadas no passado tinham como objetivo principal apontar padrões sociais para as crianças. O que as moças ingênuas queriam era encontrar um príncipe, como mostrado em A Bela Adormecida e Cinderela. Nas histórias em que as garotas desobedeciam a seus pais como no caso de Chapeuzinho Vermelho, deparava-se com situações dramáticas, como enfrentar o Lobo Mau. Essa história tinha forte caráter moral na sociedade rural do século XII: camponesas não deviam andar sozinhas, assim muitas vezes os contos tinham a finalidade para instruir mais

que divertir as pessoas. Pois serviam para mostrar alguns padrões do que era certo ou errado.

Histórias de reis e rainhas e de moçoilas à espera de um príncipe fazem sentido ainda hoje. Os contos são patrimônio da humanidade. Eles foram escritos em outra época e é importante que a criança compreenda esse fator para poder comparar o contexto histórico em que os contos foram criados com o que vivemos atualmente.

Clássicos são clássicos porque se perpetuam, e as obras infantis devem ser respeitadas como a literatura para adultos, na verdade as histórias mudam de acordo com a cultura e a época. Canibalismo e incesto, por exemplo, foram retirados de contos antigos. Na versão original de Chapeuzinho Vermelho, o lobo devora a Vovó e a própria Chapeuzinho Vermelho, e o Caçador não existe.

Especialistas afirmam que a tendência de retirar o mal, o medo e o castigo das narrativas são forte atualmente. As mudanças de enredo apaziguam as emoções que precisam ser vividas. Não é saudável evitar que as crianças enfrentem os conflitos assim, é possível usar e abusar de filmes que recontam A Bela e a Fera e O Patinho Feio, por exemplo, mas é preciso apresentar primeiro as obras que mais se aproximam dos originais.

O Maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens via agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida, conseqüentemente, surge à necessidade da criança defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos.

É nesse sentido que a Literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas, etc, facilita a criança à compreensão de certos valores básico

da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos de fadas são, na verdade, categorias de valor que são perenes.

Lembra a Psicanálise, que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Pode assim superar o medo que a inibe e enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto.

Logo, a área do Maravilhoso dos contos de fadas tem linguagem metafórica que se comunica facilmente com o pensamento mágico, natural das crianças, bem explica Vera Teixeira de Aguiar:

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc.). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. (Apud FANNY, 1994, p. 120).

Assim, explícita e implicitamente a simbologia retida dentro dos contos de fadas procede de maneira consoante, ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta, podendo servir como consolo ou simbolizar um mundo apresentado igualmente de acordo com o seu.

3. A CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS PARA A EDUCAÇÃO

Segundo Philippe em seu livro História social da criança e da família, na Idade Média, as crianças se misturavam com os adultos e eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, após os sete anos depois do desmame, as crianças ingressavam imediatamente na grande comunidade e participavam integralmente das atividades diárias junto com seus jovens amigos ou com os velhos, trabalhavam e jogavam todos os dias.

As crianças dessa época participavam ativamente da vida coletiva, e a idade ou a condição social eram arrastadas numa mesma torrente, não deixando tempo para solidão ou intimidade. A família cumpria uma função bem diferente da sociedade atual, sendo que a preocupação principal era a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, logo não tinha muita sensibilidade.

As histórias desprezavam o casamento, enquanto as realidades como a aprendizagem das crianças afrouxavam o laço afetivo entre pais e filhos. Assim é possível perceber que na Idade Média a aprendizagem das crianças não era algo que era tido como prioridade. O autor afirma que é possível imaginar a família moderna sem amor, porém a preocupação com a criança e a necessidade de sua presença estão enraizadas nela.

A civilização medieval havia esquecido a paideia dos antigos e ainda ignorava a educação dos modernos. De acordo com Philippe essa sociedade não tinha idéia de educação. Ele mostra que a sociedade atual depende e sabe que depende do sucesso do sistema educacional e da sua importância, e traz grandes contribuições quando cita o significativo papel das ciências para o desenvolvimento da sociedade.

Novas ciências como a Psicanálise, a Pediatria, a Psicologia, consagraram-se aos problemas da infância e suas descobertas são transmitidas aos pais através de uma vasta literatura de vulgarização. Nosso mundo é obcecado pelos problemas físicos, morais e sexuais da infância. (Philippe, 1981, p, 276).

O autor aborda de forma coerente aspectos bastante relevantes da sociedade helenística, pois eles pressupunham uma diferença e uma passagem entre o mundo

das crianças e dos adultos, e essa passagem era realizada por meio da iniciação ou de uma educação. A civilização medieval não percebeu essa diferença, e, portanto, não possui essa noção de passagem.

Portanto o grande acontecimento foi o reaparecimento no início dos tempos modernos da preocupação e com a educação, e um das melhores formas de desenvolver esse processo de aprendizagem principalmente nas crianças seria a socialização.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), diz que os desenvolvimentos da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento de outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprios (BRASIL, 1998, p.11).

Os contos de fadas sempre estiveram presentes nas sociedades e embora no começo não tenham sido criados especificamente para a criança, ao longo dos séculos as intervenções de grandes autores, esse contexto ao longo dos séculos começou a mudar e os contos de fadas começaram a uma contribuir de forma bastante satisfatória para a educação. Isso porque no interior dos contos de fadas É possível encontrar valores que se referem ao acontecimento da vida, mesmo que ao analisarmos sua linguagem fantasiosa possamos considerá-la mistificadora, como defendem alguns. A linguagem do conto é encantadora, construída apropriadamente para falar ao interior da alma infantil, obedecendo apenas às leis da verossimilhança da ficção. Contudo, está ligada ao que realmente acontece no mundo.

Bettelheim (1980) afirma que os contos de fadas, melhor do que qualquer outra história infantil ensinam a lidar com os problemas interiores e achar soluções certas em qualquer sociedade em que se esteja inserido. A criança, como ser participante e atuante da sociedade, aprenderá a enfrentar e aceitar sua condição, desde que seus recursos interiores lhe permitam.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento - superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis: obter um sentimento de individualidade e de autovalorização e um sentido de obrigação moral a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo (BETTELHEIM, 1980, p. 16).

De acordo com Rana coordenadora Pedagógica, é o adulto leitor que mostra às crianças o significado da escrita que está nos livros. Ao escutar uma história, as crianças entram na narrativa e compartilham as sensações dos personagens. Assim esse seria o momento de ampliar o repertório e dar maior organização ao pensamento. (NOVA ESCOLA, 2008, p 57)

Abramovich (1991), afirma que os contos de fadas falam de auto descobertas e da descoberta da própria identidade, o que é fundamental para o crescimento das crianças, quantas histórias a ler e a compreender em vários desses contos de fadas. A autora traz como exemplo Anderson que ao escrever “O patinho feio” conta a história de um patinho feio que sempre foi maltratado, ridicularizado por ser feio, e após percorrer uma trajetória longa, difícil e muito sofrida, quando finalmente se aproxima de uma lagoa plácida , onde deslizam belos cisnes, que não só o conhecem como um dos seus, de imediato, como também o elegem o mais belo e formoso dentre eles.

Portanto os contos auxiliam no processo de construção da identidade da criança e no desenvolvimento de suas habilidades sociais, culturais e educativas, por que é uma literatura e sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor.

O aspecto psicológico também é um fator de grande relevância no desenvolvimento das habilidades e por isso é um fator que deve ser levado em consideração tanto na escola como nas relações sociais fora da escola.

Assim Bettelheim afirma que para que seja possível dominar os problemas psicológicos do crescimento, separar as decepções narcisistas, os dilemas edípicos, as rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis, obter um sentimento de individualidade, de auto-valorização, e um sentido de obrigação moral a criança necessita entender o que se está passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo.

É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ajuda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (Bettelheim, 1980, p. 16)

Essas afirmações apenas confirmam a importância dos contos de fadas para a formação da personalidade da criança e o seu desenvolvimento no processo de socialização, já que eles têm a capacidade de levar a criança a perceber outras dimensões, a usar a imaginação e principalmente a se descobrir, se reconhecer como parte integrante daquela história, onde ela pode ser qualquer um dos personagens, basta quere e imaginar.

3.1 CONTOS DE FADAS UMA PORTA PARA A LEITURA

Os contos de fadas fazem parte da literatura infantil, e através de suas narrações possibilitam que os pequenos ouvintes criem interesses pela leitura, sendo assim de acordo com Nelly coelho (2000) é importante que ao realizar uma contação de histórias o objetivo principal seja o de levar as crianças a desenvolverem a sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente, e conseqüentemente haverá uma dinamização na sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia. A autora ainda afirma que os contos tornam as crianças conscientes da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que eles devem atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. Como foi abordado nesse capítulo os contos de fadas passaram por varias etapas e agora tem uma função muito importante que é a de contribuir para formação da criança.

De acordo com BETTELHEIM (1980) assim como obras de arte, os contos de fadas têm muitos aspectos dignos de serem explorados em acréscimo ao significado psicológico e impacto a que o livro está destinado. A herança cultural de um povo encontra comunicação com a mente infantil através deles.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (BETTELEHEIM, 1980, p ,14)

Nesse aspecto os contos ajudam a desenvolver a leitura. A contação de histórias tem o papel de incentivar a leitura e a fruição da literatura como arte, objetivando-se transmitir valores que determinam atitudes éticas, que possibilitam a melhor convivência no ambiente escolar. A visão mágica dos contos de fadas deixou de ser algo privativo das crianças, para ser consumida pelos adultos. Muitos contos de fadas como “A bela adormecida”, “Rapunzel”, “Chapeuzinho Vermelho” e muitas outras narrativas que, às vezes, podem parecer infantil, divertido ou absurdo, na

realidade, carregam uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida.

Os contos abrem espaços para que as crianças deixem fluir o imaginário e despertem a curiosidade, que logo é respondida no seu decorrer. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados e resolvidos pelos personagens.

De acordo com Bettelheim, todos os problemas e ansiedades infantis, como a necessidade do amor, do medo e do desamparo, da rejeição e da morte, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para crianças. A solução geralmente encontrada na história e quase sempre leva a um final feliz, indica a forma de se construir um relacionamento satisfatório com as pessoas ao redor. (apud CEZARETTI, 1989: 24),

4. O USO DE CONTOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nos capítulos anteriores foi possível perceber o quanto a literatura é significativa para o desenvolvimento da criança, porém é muito importante entendermos como essa literatura é desenvolvida em sala de aula, se os professores são preparados e como vêm essas histórias no processo de aprendizagem das crianças, pois o professor tem um papel de vital importância porque mantém um contato diário com os alunos.

A contação de histórias ocorre no mundo escolar há muitos anos e, muitos professores ainda não descobriram que os contos de fadas podem ajudá-los em sua missão de educadores, dessa forma a partir desse tema é importante identificar qual o momento de audição de histórias, perceber também através das histórias como elas podem auxiliar no processo de desenvolvimento individual dos alunos, tanto dentro da escola, como também nas suas relações sociais em outros espaços. Os contos de fadas tem a o papel de incentivar a leitura e a fruição da literatura como arte, objetivando transmitir valores que determinam atitudes éticas, que possibilitam a melhor convivência no ambiente escolar.

Através de contos de fadas lidos na sala de aula pelos próprios alunos ou contados pelos professores, é possível perceber que as crianças experimentam estados afetivos diferentes daqueles que a vida real pode lhes proporcionar. Assim a presença da literatura infantil na escola representa um estímulo forte a aprendizagem da leitura. Adquirindo gosto pela leitura a criança passara a escrever melhor, e terá um repertório amplo de informações. No mundo atual a literatura infantil surge como uma fonte de conhecimento que enriquece a formação da criança desde o seu primeiro contato coma com as histórias infantis.

De acordo com o RCNEI, “é também por meio da possibilidade de formular suas próprias questões, buscar respostas, imaginar soluções, formular explicações, expressar suas opiniões, interpretações e concepções de mundo, confrontar seu modo de pensar com os de outras crianças e adultos, e de relacionar seus conhecimentos e idéias a contextos mais amplos, que a criança poderá construir conhecimentos cada vez mais elaborados”.(BRASIL, 1998, p.172).

Nesse aspecto o professor tem um papel essencial, pois dentro do contexto da literatura a função pedagógica implica na ação educativa do livro sobre a criança. Através das histórias infantis o professor pode despertar a criatividade, a autonomia e a criticidade da criança. Portanto, a contação de histórias ajuda a desenvolver nas crianças uma postura investigativa tornando-as assim capazes de construir planejamentos que considerem a pluralidade, diversidade étnica, religiosa, cultural, identidade e autonomia, ou seja, que levem a um conhecimento do mundo.

A autora Amarilis Pavoni relata em seu livro *os Contos e os mitos no ensino*, algumas experiências que teve com a contação dos contos de fadas em sala de aula:

As histórias de fadas e de mitos atraíam as crianças, levando-as a se interessarem pela leitura. A consequência desta prática foi o desenvolvimento da expressão oral e escrita, a ponto do rendimento melhorar também nas outras disciplinas. Sabe-se que um dos grandes problemas dos professores é que os alunos não sabem ler instruções, não entendem o que se pergunta. Além disso, observei melhor entrosamento social entre os alunos e destes com a professora. (PAVONI, 1989, p.10).

A autora percebeu que as histórias tinham um efeito duplo, por que, além de harmonizarem, por si mesmas, as crianças, davam-lhes possibilidades de aprenderem a escrever e ler bem, trazendo, como consequência, uma melhora nos estudos em geral.

Outro aspecto bastante relevante observado por Pavoni na contação dos contos de fadas é que modificaram a predisposição das crianças em relação a ela, por que ela era vista como alguém que sempre ia trazer-lhes boas novidades, coisas agradáveis.

Portanto entende-se que a criança precisa vivenciar o mundo do faz-de-conta, da ludicidade, da magia, do encantamento, e os contos de fadas proporcionam um momento lúdico movido de imaginação. Diante disso é possível desenvolver habilidades, por meio da observação que lhes possibilitem contar suas histórias de maneira mais elaborada, criando assim o hábito de ouvir histórias, como também o respeito à pessoa, que se dispõe a falar, estimulando o diálogo entre as próprias crianças e o adulto educador, encorajando-as a examinar e explicar suas opiniões.

As crianças por meio das histórias e seus discursos podem fazer uma reflexão da sua própria conduta e do meio em que vive, na verdade a contação de histórias é uma forma de manifestação cultural. A literatura infantil deve estar marcada pelo interesse literário e deve proporcionar à criança o exercício da imaginação, exemplos de moral e momentos de prazer espiritual além de destacar o belo, portanto um livro, que reúne essas características é considerado uma ótima literatura infantil.

Mesmo tendo essa importância para a formação da criança percebe-se claramente que a literatura infantil não é muito utilizada no ambiente escolar e social e muitas vezes quando são é apenas como distração e não como um dos instrumentos para a integração da criança no contexto social.

A escritora Cecília Meireles em seu livro problemas da literatura infantil deixa bastante clara sua opinião a respeito da importância da literatura infantil para a formação da criança.

Insistimos na permanência do tradicional na literatura infantil, tanto oral quanto como escrito, porque por ele vemos um caminho de comunicação humana desde a infância que, vencendo o tempo e as distâncias, nos permite uma identidade de formação. Por essa comunhão de histórias, que é uma comunhão de ensinamentos, de estilos de pensar, moralizar e viver, o mundo parece tornar-se fácil, permeável a uma sociabilidade que tanto se discute. A literatura tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo. É que a mesma experiência humana sofre transformações regionais, sem por isso deixar de ser igual nos seus impulsos e idênticas nos seus resultados. Se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com a semelhança que encontra, confrontando-a com a dos outros povos. (...) É um humanismo básico, uma linguagem comum, um elo entre as raças e os séculos. (MEIRELES, 1979: 64).

As histórias são um importante instrumento para o desenvolvimento da criança e grandes autoras como Cecília Meireles defendem e mostram como podemos aplicá-las em sala de aula.

Segundo o RCNEI, o trabalho educativo pode, assim, criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, idéias, costumes e papéis. (BRASIL, 1998, p.11).

Apesar de estarmos vivendo no mundo globalizado e imensamente cibernético, vem ocorrendo um crescente interesse pela literatura dos contos de fadas, isso por que a magia, o sobrenatural, o mistério da vida e das forças ocultas desperta a curiosidade das crianças e até dos adultos e é nesse mesmo rastro que os contos de fadas estão de volta, presentes não só nos lares, mas também nas escolas.

Um dos aspectos que o professor precisa entender para utilizar a literatura em sala de aula é que na verdade ela não seria apenas um instrumento para ensinar a ler, pois de acordo com Bettelheim (1978), a aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante á nossa vida, isso por que o autor afirma que todos tendemos a avaliar os méritos futuros de uma atividade na base do que ela oferece no momento.

O professor deve observar que quando as histórias contadas aos alunos são ocas não ajudam a enriquecer a vida da criança, porque o que na verdade é importante para o seu desenvolvimento seria o que é significativo para ela naquele estágio em que ela se encontra. Assim o autor traz alguns aspectos que devemos perceber;

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações: Resumindo, deve de uma vez só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade, e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 1978, p. 13).

Como destacou Bettelheim (1978) a criança precisa desenvolver uma confiança nela mesma e no seu futuro e sendo assim o educador precisa ter uma consciência do se papel em sala e de como ele pode auxiliar o aluno nessa caminhada de descobertas.

4.1 COMO CONTAR UMA HISTÓRIA EM SALA DE AULA

A autora Abramovich (1991) relata em seu livro literatura infantil (gostosuras e bobices) que para contar qualquer historia é bom saber como se faz, por que nelas se descobrem palavras novas, se entra em contato com a musica e a com a sonoridade das frases, dos nomes, se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção, pois contar histórias é uma arte é ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido é o uso simples e harmônico da voz.

O professor precisa ter a preocupação de quando for ler um conto de fadas para as crianças não fazer de qualquer jeito pegando o primeiro volume que se vê na estante, pois de acordo com Abramovich não é algo positivo que no decorrer da leitura, se demonstre que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), o professor não pode demonstrar empacar ao pronunciar o nome de um determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando pausas nos lugares errados.

Outro fator que não pode ocorrer na contação de historias em sala de aula é o educador ficar scandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar por que não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida uma gíria nova, ou ate mesmo uma expressão que o adulto leitor não usa normalmente, porque se isso acontecer vai se criar uma sensação de mal estar e os alunos podem não se sentir a vontade para escutar o resto da história, portanto antes de ser lido para as crianças o conto de fadas precisa ser lido pelo professor e segundo Abramovich é importante ler o livro antes e bem lido pra que se possa sentir quais as emoções que são possíveis serem despertadas no decorrer da leitura. Assim quando chegar a hora de narrar à história o professor terá a capacidade de passar uma emoção verdadeira, aquela que vem lá do fundo do coração e por isso vai chegar de verdade a criança.

Claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta de muito antigamente ou de dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesias ou de prosas... Qualquer uma desde que ela seja conhecida pelo contador... O critério de seleção é do narrador e o que pode suceder depois depende do quando ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (FANNY, 1991, p. 20).

E para que o professor proporcione esse ambiente lúdico é muito importante que ele crie um clima de envolvimento, de encanto, que saiba dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas.

4.2 QUE HISTÓRIAS CONTAR EM SALA DE AULA

De acordo com Betty Coelho (1997), nem toda história vem no livro pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, ainda requer adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. Sendo assim é possível perceber que a escolha da história que será contada em sala de aula é de vital importância para que o professor possa envolver e os alunos na contação de história e principalmente desenvolver seu interesse.

Naturalmente, é necessário fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o ponto de vista literário, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições sócio econômicas. Segundo Coelho escolher que história contar é um passo muito demorado, e por isso é preciso recomenda-se cuidado para evitar tropeços depois. Às vezes leva-se algum tempo pesquisando em livros e revistas até se encontrar a história adequada à faixa etária e que atenda aos interesses dos alunos ouvintes e ao objetivo específico que a ocasião requer.

Na verdade a história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não se pode descrevê-los ou executá-los bem se não apreciarmos. É preciso que o professor perceba se a história desperta a sensibilidade, a emoção, por que dessa forma irá contá-la com sucesso. Sendo assim o primeiro passo é gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso as crianças.

Betty Coelho (1997) mostra que na idade escolar após a primeira e a segunda séries os alunos gostam dos contos de fadas com enredo mais elaborado, por que dessa forma a imaginação ocupará a mente deles. Elas ficarão embevecidas com príncipes, princesas, castelos e palácios. Embora os contos de fadas de enredo mais longo sejam mais bem apreciados a partir da segunda série, isso não significa que as crianças menores não possam acompanhar histórias em que a fantasia é

realçada, há personagens maravilhosos e a metamorfose funciona como foco narrativo.

De acordo com Pavoni após fazer algumas pesquisas de como seria a contação de histórias na uma das explicações mais correntes seria que escola pública vai mal porque as crianças têm problemas devido às condições sócio-econômicas que as levam a enfrentar o ensino com fome, despreparados. Porém a autora verificou que trabalhando também com alunos da escola particular que eles também liam e escreviam mal, uma das razões pelas quais também iam mal em outras disciplinas. Também percebeu que tanto os alunos da escola pública como particular da escola particular não eram felizes. A escola com algumas exceções era um martírio que deviam enfrentar para serem “algo” quando crescerem.

Sendo assim, a autora chegou à conclusão de que a escola seja ela particular ou pública preocupa-se em fazer da criança um adulto útil, esquecendo-se de que ela já “é”, já vive em sociedade e precisa “ser” agora. E “ser” não tem nada a ver com a utilidade da criança, agora ou depois de crescer.

A literatura é uma arte que já foi incorporada á escola e na verdade deveria ser algo que todas as crianças deveriam ter acesso de forma espontânea e não como noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento. (ABRAMOVICH, 1991, p. 140).

Através dos contos de fadas as crianças têm possibilidade de viver uma infância mais plena e conseqüentemente tornam-se adultos mais harmoniosos.

Na verdade a escola é o local onde as crianças têm a oportunidade de desenvolver seus aspectos perceptivos, cognitivos, sociais e culturais, isso por que esses momentos passados na sala de aula são de muita importância para o desenvolvimento da sua sociabilidade e inteligência.

Segundo o RCNEI, as crianças refletem e gradativamente tomam consciência do mundo de diferentes maneiras em cada etapa do seu desenvolvimento. As transformações que ocorrem em seu pensamento se dão simultaneamente ao desenvolvimento da linguagem e de suas capacidades de expressões. À medida que crescem se deparam com fenômenos, fatos e objetos do mundo: perguntam reúnem

informações organizam explicações e arriscam respostas: ocorrem mudanças fundamentais no seu modo de conceber a natureza e a cultura. (BRASIL, 1998, p.169).

Sendo assim os professores tem uma grande oportunidade de através dos contos de fadas contribuírem para esse desenvolvimento dos alunos e de acordo com Coelho a contação de histórias pode ser de maneira lúdica, fácil, e subliminar, por que ela atua sobre seu pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação, ao lhes propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação no mundo que os rodeia. (COELHO, 2003, p. 123).

Ainda de acordo com Coelho é por intermédio de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral e que por isso é fácil compreendermos a importância do papel que a literatura pode desempenhar para os seres em formação, os “mutantes culturais”. Por que é a literatura dentre as diferentes manifestações de arte, a que atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização. (COELHO, 2003, p 122).

4.3 A CRIANÇA E O CONTATO COM A BIBLIOTECA

A literatura é uma arte que já foi incorporada á escola e na verdade deveria ser algo que todas as crianças deveriam ter acesso de forma espontânea e não como noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento afirma Abramovich (1991).

Segundo Abramovich muitas vezes ler uma história nas escolas começa com uma obrigatoriedade de prazo, uma espécie de maratona onde uma história tem que ser lida num determinado período, com data marcada para termino da leitura e entrega de uma análise e não conforme a necessidade, à vontade, o ritmo de cada criança leitora.

Portanto uma única história não pode interessar a toda uma classe, por que muitas vezes não uma identificação gela entre meninos e meninas, assim se faz necessário que a escola abra seus horizontes, indo às livrarias ou bibliotecas e deixando cada aluno manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, escolher, até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que naquele determinado dia, lhe desperte a curiosidade, à vontade e a inquietação. Nesse caso a professora terá que ler muito mais livros e precisa está disposta a fazer isso.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), traz importantes considerações de como o professor pode trabalhar com a contação de história na escola.

Nas atividades seqüenciadas de leitura, podem se eleger temporariamente, textos que propiciem conhecer a diversidade possível existente dentro de um mesmo gênero, como por exemplo, ler o conjunto de obra de um determinado autor ou ler diferentes contos sobre saci-pererê, dragões ou piratas ou varias versões da mesma lenda (BRASIL, 1998, p. 155).

Sendo assim o professor não deve trabalhar com um leque estreito de alternativas e precisa conhecer muito de literatura, a relação que o professor estabelece com aquilo que ensina é muito importante porque o aluno poderá estar mais ou menos próximo que aprende. Os estímulos e as provocações muitas vezes estimulam o desejo de aprender, e não apenas o conteúdo programado, porque assim eles poderão ser mais eficientes para que o aluno desenvolva a capacidade de adquirir conhecimento durante toda a vida.

ANEXOS

Este anexo contém algumas imagens do universo da literatura infantil na contemporaneidade.



Imagem 1: Cinderela



Imagem 2: Branca de neve e os sete anões.



Imagem 3: Chapeuzinho vermelho

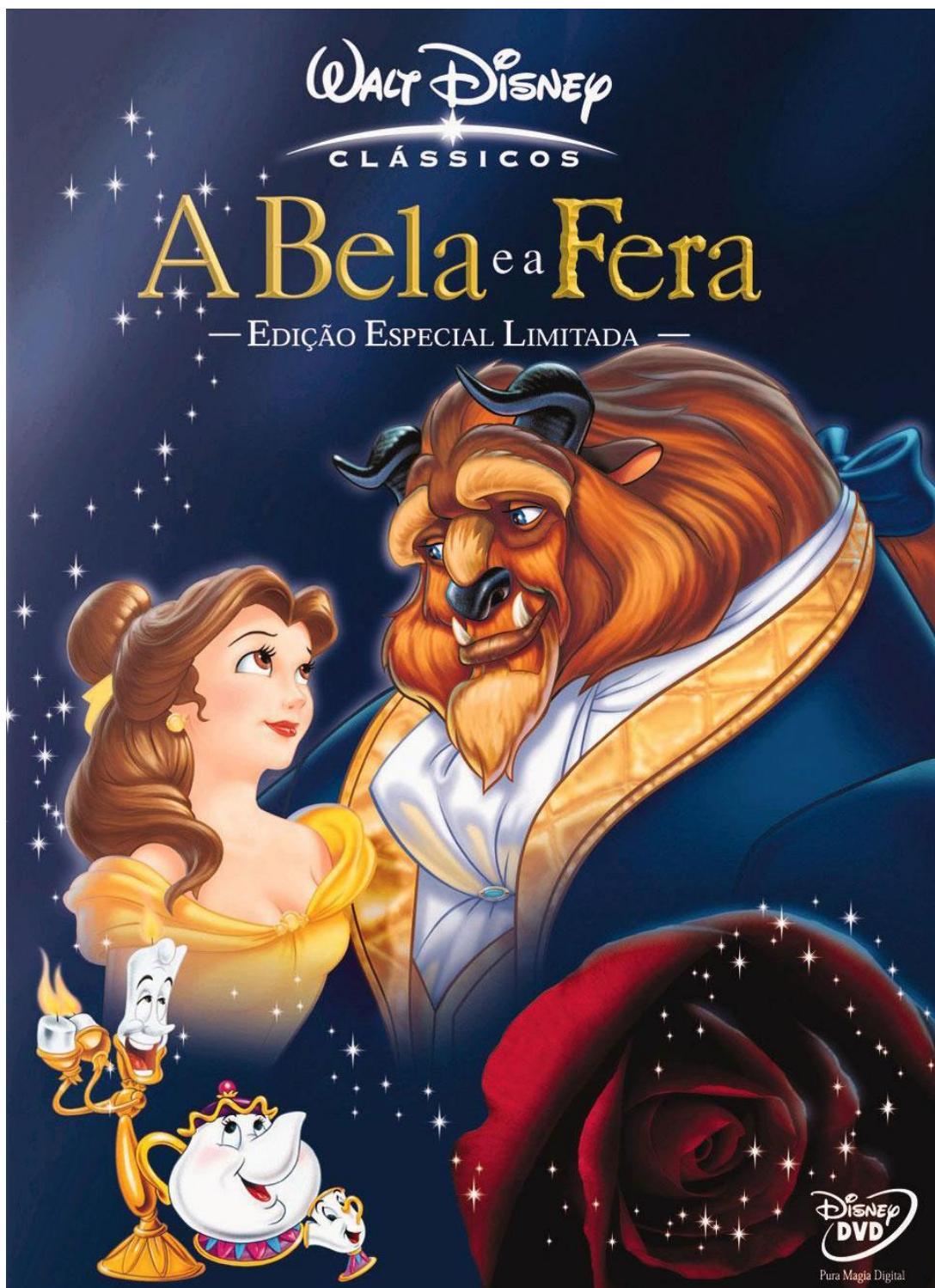


Imagem 4: A bela e a fera.